A REFLEXÃO

"En los hábitos literarios también es todopoderosa la idea de un sujeto único. Es raro que los libros están firmados. No existe el concepto del plagio: se ha estabelecido que todas las obras son obra de un solo autor, que es intemporal y es anónimo. La crítica suele inventar autores:

Conta-se que, em meados dos anos 70, Emir Rodríguez Monegal iniciou uma conferência na USP mais ou menos assim: "Não sei se sou eu ou uma personagem de Borges quem vos fala". Mesmo que não soubesse quem era, sabia do que estava falando. Cedo ou tarde, quem lê Borges acaba por sentir-se atraído para dentro do texto, assim como quem assiste a *Hamlet* sente o inevitável impulso de virar-se para trás para certificar-se de não ser mais uma personagem da peça (1). Talvez a generalização seja exagerada; é possível que alguns leitores, perpicazes e nada ingênuos, não se deixem apreender nas armadilhas movediças dos textos borgianos e percorram-nos tranqüilamente, sorrindo apenas diante dos cantos de sereia espalhados sutilmente aqui e ali. Afinal, todos sabem como Borges se divertia com

1 Nunca é demais relembrar um dos trechos mais famosos de Borges: "*¿Por qué nos inquieta que don Quijote sea lector del* Quijote, *y Hamlet, espectador de* Hamlet*? Creo haber dado con la causa: tales inversiones sugieren que si los caracteres de una ficción pueden ser lectores o espectadores, nosotros sus lectores o espectadores podemos ser ficticios*"."Magias Parciales del Quijote", in Emir Rodríguez Monegal (ed.), *Ficcionario*, México D.F., Fondo de Cultura Económica, 1992, pp. 296-8.

DO INVERSO

MARIA TEREZA DE SOUZA MENDES BRITES

MARIA TEREZA DE SOUZA MENDES BRITES
é doutoranda na FFLCH-USP.

***elige dos obras disímiles – el* Tao Te King *y* Las mil y una noches, *digamos –, las atribuye a un mismo escritor y luego determina con probidad la psicología de ese interesante* homme de lettres...” (Jorge Luís Borges, “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, in *Ficciones*, Buenos Aires, Emecé, 1996).**

citações apócrifas e alusões falsas, não é mesmo? A esses leitores, meus cumprimentos a distância. *Desgraciadamente*, não sou um deles. Para mim, um só texto de Borges bastou para que fosse iniciado um processo que, observado retrospectivamente, faz com que eu possa entender que a frase do professor Monegal significava algo mais do que um mero início engenhoso de conferência.

É verdade que o texto em questão não era menos que “Pierre Menard, Autor del Quijote”, mas o que ocorreu foi absolutamente fantástico, no sentido genérico do termo – sensacional –, e no específico – quimérico. Acreditei ter encontrado, nos fichários da biblioteca da Faculdade de Filosofia, uma personagem de carne e osso: Pierre Mesnard, o inspirador, a origem da ficção borgiana. Nascido em 1900 e morto em 1969, Pierre

O presente texto é fruto de um projeto de pesquisa patrocinado pela Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, sob a orientação da professora Teresa Cristófani Barreto.

Mesnard ensinava filosofia na *Faculté de Lettres* de Argel à época da publicação do conto de Borges, 1939. Além de professor, foi um escritor prolífico e participou ativamente tanto da Primeira quanto da Segunda Guerra Mundial (2). Tal confluência de "armas" e "letras" em sua biografia o conectava ainda mais à personagem borgiana e fazia com que o conto adquirisse, para mim, contornos de realidade.

O maravilhamento não durou mais que alguns dias mas a busca por uma conexão entre esse professor de filosofia em Argel e o simbolista de Nîmes continuou. Hoje, muitas páginas de Borges depois, intuo que caí numa armadilha banal, cujo alcance ainda não me foi possível delimitar. Nesta análise, procurarei estabelecer uma relação entre o conto de Borges, "Pierre Menard, Autor del Quijote", e um ensaio de Pierre Mesnard, "Qu'est-ce qu'une Méditation?", sendo que será inevitável falar sobre um terceiro nome, o do filósofo René Descartes.

Antes de mais nada, retomemos alguns aspectos do conto "Pierre Menard, Autor del Quijote". Um primeiro e singular aspecto consiste no fato de que certas dificuldades desse texto borgiano parecem apontar a inevitável interferência no trabalho interpretativo de recursos não-ortodoxos como a suposição, a conjetura ou… a adivinhação (3). Cito como exemplo a questão de saber a qual das partes do *Quijote* pertenceria o "fragmento" do capítulo XXII, reescrito por Pierre Menard. Tal informação parece ter sido omitida por Borges, como percebemos reexaminando o trecho: "*Esa obra, tal vez la más significativa de nuestro tiempo, consta de los capítulos IX y XXXVIII de la primera parte del* Don Quijote *y de un fragmento del capítulo XXII*" (4). Entretanto, ao fazer sua interpretação do conto, parece ser aconselhável que um hipotético crítico relacione o "fragmento" a uma das partes, ou às duas, sob pena de fazer passar em silêncio uma rica pista intertextual. Diante desse impasse, restam a esse crítico duas atitudes, não exatamente opostas mas essencialmente diversas: conjeturar e adivinhar. A primeira delas pressupõe a renúncia ao alcance de uma suposta verdade; a segunda, mais ligada ao domínio místico e sobrenatural, nem tanto.

Mas adianto temas que deveriam estar sendo guardados ciosamente por enquanto. Passemos a outro aspecto do conto. No texto "Le Prince du Languedoc au Pion de Tour Provisoirement Aboli" (5), o crítico francês Michel Lafon sustenta que uma das principais características do conto seria a presença de um insidioso pulular de contradições, que excluiria qualquer possibilidade de síntese ou superação. A meu ver, o exemplo mais gritante de contradição poderia ser encontrado na relação diametralmente oposta entre narrador e personagem principal. A personagem Pierre Menard, lembremos, ocupa os últimos anos da vida num "jogo solitário", numa obra sem rascunhos que tem como uma das principais diretrizes a tese de que pensar, analisar ou inventar não são atos excepcionais mas apenas a "normal respiração da inteligência"; já o narrador preocupa-se em glorificar, dar utilidade (através da sugestão de que Menard teria enriquecido a arte da leitura mediante uma "*técnica nueva*"…) e visibilidade a essa obra do amigo morto. Bem mirado, o famoso último parágrafo do conto – e sua propalada modernidade literária – traz a marca do inquieto narrador, não daquela personagem obstinada que um dia contraiu o misterioso dever de reconstruir literalmente a obra espontânea de Cervantes.

Há ainda um terceiro aspecto a ser colocado que é, de certa maneira, externo ao conto ou, como quer Gérard Genette, "paratextual". Trata-se do enigma do diagrama, proposto pela esfinge portenha no prólogo a *Ficciones*: "*En 'Las Ruinas Circulares' todo es irreal; en 'Pierre Menard, autor del Quijote', lo es el destino que su protagonista se impone. La nómina de escritos que le atribuyo no es demasiadamente divertida pero no es arbitraria; es un diagrama de su historia mental*" (p. 12). O enredo é conhecido: se você não decifra o enigma… Sem qualquer pretensão de ter chegado à solução definitiva, apresento

2 Dados obtidos no volume *Pierre Mesnard, Images de l'homme et de l'Oeuvre*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1970.

3 Por mais pouco surpreendente que tal proposição possa parecer, uma visita ao *site* do Jorge Luís Borges Center, da Universidade de Aahrus, Dinamarca, revela que a temática de estudo desse Centro no momento é o "Conhecimento Indireto" na obra borgiana, passando pelos "fenômenos conjeturais" desapercebidos nas análises clássicas dos textos.

4 *Ficciones*, Buenos Aires, Emecé, 1996, p. 54. (Obs.: as próximas referências a trechos do conto "Pierre Menard, Autor del Quijote" serão identificadas com o número da página dessa mesma edição.)

5 Michel Lafon, "Le Prince du Languedoc au Pion de Tour Provisoirement Aboli", in *Borges ou la Réécriture*, Paris, Seuil, 1990.

minha hipótese de decifração, que surgiu quando me deparei com a tradução do "enigma" na edição francesa das *Obras Completas* de Borges, pela Gallimard: "...*la* nomenclature *des écrits que je lui attribue*...". Então, "*nómina*" não quer dizer "lista" ou "relação", pura e simplesmente, mas relação nominal, relação de *nomes*. Quando fui verificar a relação dos nomes dos escritos de Pierre Menard, na lista em ordem alfabética, tive uma surpresa. Em meio a uma profusão de escritos designados somente por artigos indefinidos e pelo gênero – um soneto, uma monografia, um artigo técnico, um exame, etc. – localizei, a princípio, não mais que um título: o da obra *Les Problèmes d'un Problème*, que discute em ordem cronológica as soluções ao paradoxo de Zenon de Elea sobre a impossibilidade lógica do movimento. Mais uma vez, a contradição é flagrante: enquanto a obra supostamente discute "soluções", o título fala em "problemas de um problema". Há, a meu ver, duas possibilidades de interpretação desse título. A primeira consistiria em entender os "problemas" do título como metáfora das "soluções" discutidas, como se cada solução apresentada ao paradoxo acabasse por se tornar um novo problema passível de ser solucionado, e assim por diante. A segunda implicaria a aceitação de que solucionar um problema filosófico seria solucionar cada um de seus respectivos problemas e assim não por diante, mas ao retro-infinito. Posições resignadas e perfeitamente coerentes com um dos comentários feitos por Menard em carta ao amigo-narrador: "*Mi empresa no es difícil, esencialmente. Me bastaría ser inmortal para llevarla a cabo*" (p. 57). Somos mortais e por isso nossas tarefas são inconclusas; por isso há "soluções" e não "solução". Mas alguns continuam tentando.

Relendo o conto, percebi posteriormente que Pierre Menard havia nomeado, um pouco em surdina, mais uma obra. De fato, a letra "k" da lista corresponde à tradução de uma obra curiosa de Quevedo, *Aguja de Navegar Cultos*. O título completo é *Aguja de Navegar Cultos. Con la Receta para Hacer* "*Soledades*" *en un Día. Soledades*, o poema cultista complicadíssimo de Góngora, satirizado por seu contemporâneo Quevedo. Parece que Pierre Menard não entendeu a sátira, pois, ao traduzir a obra, eis o título que apresentou: *La Boussole des Précieux*. Assim, o que era troça e escárnio em Quevedo transformou-se, na tradução, em brincadeira séria, bússola dos refinados e elegantes salões "preciosos" da França do século XVII. *Broma mal Escuchada*, muito provavelmente.

O achado desse segundo título (espero que não haja outros...) invibializou a apoteótica possibilidade de que *Les Problèmes d'un Problème* fosse o "único" título da lista. Haveria, de qualquer maneira, uma dose excessiva de ingenuidade em tentar identificar uma unicidade num conto no qual as contradições, como diz o crítico, pululam. Se fez desmoronar essa utopia de unicidade, o achado abriu uma outra via, talvez mais interessante e coerente. Nessa via transitam dois campos distintos do conhecimento: literatura – *La Boussoule des Précieux* – e filosofia – *Les Problèmes d'un Problème* (6). Cabe observar que esses dois títulos se referem a obras nas quais a questão da originalidade torna-se um tanto problemática pois, *La Boussoule*... é uma tradução, ao passo que *Les Problèmes*... contenta-se em discutir as "soluções" a um problema filosófico – sem, ao que parece, apresentar nenhuma.

Então, também em sua fase "visível", a personagem Pierre Menard se debruça sobre os textos de outros, discutindo-os ou traduzindo-os. E parece oscilar entre literatura e filosofia. A proposta inicial desta análise foi estabelecer uma relação entre um texto "literário", "Pierre Menard, Autor del Quijote", de Borges, e um texto "filosófico", "Qu'est-ce qu'une Méditation?", de Pierre Mesnard. O que se torna necessário notar é que esse texto de Pierre Mesnard se reveste de um caráter de comentário, de glosa a uma doutrina filosófica: no texto objeto de estudo, Pierre Mesnard atua não como filósofo mas como comentador (reescritor...) da obra cartesiana. Identificada mais essa duplicidade, é chegada a

6 Lembremos que Borges, em entrevista a Jean de Milleret, declarou que uma das características de seu trabalho seria explorar as "possibilidades literárias" das doutrinas filosóficas. *Entretiens avec JLB*, Paris, Pierre Belfond, 1967, p. 72.

hora de abrir espaço para o autor da obra comentada – René Descartes.

E falar sobre René Descartes é, sem a menor sombra de dúvida, incorrer em tautologias. Há bem mais de 300 anos se fala sobre sua vida, obra, amores, desamores, erros e acertos. Mesmo considerando a fama crescente de Borges, não é difícil imaginar que uma pessoa razoavelmente instruída passe a vida inteira sem saber algum nome de um escrito seu; é improvável que essa mesma pessoa nunca tenha parado ao menos um minuto para pensar no célebre "penso, logo existo". Uma fama em tal proporção pressupõe, é claro, a difusão de idéias preconcebidas. É quase um lugar-comum empregar o adjetivo "cartesiano" em sentido pejorativo, designando certo racionalismo metódico, às vezes irritante, que pode ser observado em algumas pessoas. Vejamos o que o próprio René Descartes tem a dizer de suas idéias.

Primeiro, o objetivo de sua empreitada filosófica. Como sabemos, Descartes foi aquele que decidiu fazer "tábua rasa" de todo o conhecimento anterior a ele, isto é, principalmente da filosofia aristotélica e escolástica, para fazer uso de sua própria razão ou do que chamava de própria "luz natural". Por quê? Porque o que aprendera na escola de jesuítas onde havia estudado, La Flèche, não o satisfazia. Eis o que ele conta, no início do *Discurso do Método,* sobre sua experiência escolar:

"Fui nutrido nas letras desde a infância, e por me haver persuadido de que, por meio delas, se podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, sentia extraordinário desejo de aprendê-las. Mas, logo que terminei todo esse curso de estudos, ao cabo do qual se costuma ser recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois me achava enleado em tantas dúvidas e erros, que me parecia não haver obtido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância. E, no entanto, estivera numa das mais célebres escolas da Europa, onde pensava que deviam existir homens sapientes, se é que existiam em algum lugar da Terra. Aprendera aí tudo o que os outros aprendiam, e mesmo, não me tendo contentado com as ciências que nos ensinavam, percorrera todos os livros que tratam daquelas que são consideradas as mais curiosas e mais raras, que vieram a cair em minhas mãos" (7).

Descartes, o grande leitor, se decepciona, não apenas com suas próprias dúvidas, mas também com as divergências de opiniões entre os doutos:

"Da Filosofia nada direi, senão que, vendo que foi cultivada pelos mais excelsos espíritos que viveram desde muitos séculos e que, no entanto, nela não se encontra ainda uma só coisa sobre a qual não se dispute, e por conseguinte que não seja duvidosa, eu não alimentava qualquer presunção de acertar melhor do que os outros" (8).

"*Nada tienen de nuevo esas comprobaciones nihilistas; lo singular es la decisión que de ellas derivó Pierre Menard*" (p. 63).

Mas, afinal, tanto desapontamento só pode ser justificado por uma ambição prévia: "E eu sempre tive um imenso desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro nas minhas ações e caminhar com segurança nesta vida" (9).

Parece estar nessa última frase um dos pontos essenciais da empreitada cartesiana. Rejeitando o que é apenas "verossímil", Descartes quer encontrar a "verdade". Onde buscá-la, se na "escola" ela não está?

"Eis por que, tão logo a idade me permitiu sair da sujeição de meus preceptores, deixei inteiramente o estudo das letras. E, resolvendo-me a não mais procurar outra ciência, além daquela que se poderia achar em mim próprio, ou então no grande livro do mundo, empreguei o resto de minha mocidade em viajar, em ver cortes e exércitos, em freqüentar gentes de diversos humores e condições..." (10).

Em si mesmo, ou no grande livro do mundo, en "*el universo (que otros llaman*

7 René Descartes, *Obra Escolhida*. Prefácio e notas de Gérard Lebrun, tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962, p. 43.

8 Idem, ibidem, p. 46.

9 Idem, ibidem, p. 47.

10 Idem, ibidem.

Biblioteca)"... O que havia de proveitoso nesse "mundo" ?

"Pois afigurava-se-me poder encontrar muito mais verdade nos raciocínios que cada qual efetua no respeitante aos negócios que lhe importam, e cujo desfecho, se julgou mal, deve puni-lo logo em seguida, do que naqueles que um homem de letras faz em seu gabinete, sobre especulações que não produzem efeito algum e que não lhe trazem outra conseqüência, senão talvez a de lhe proporcionarem tanto mais vaidade quanto mais distanciadas do senso comum, por causa do outro tanto de espírito e artifício que precisou empregar no esforço de torná-las verossímeis" (11).

Esse é outro aspecto a ser destacado no discurso cartesiano, além da obstinada busca pela "verdade". Um certo caráter de humildade declarada; uma valorização da luz natural, existente em cada um dos seres humanos. Pelo que vemos dessa última frase, o que Descartes valoriza não é o raciocínio elaborado, não é o esforço do artifício, mas sim o adequado uso do bom senso. Logo no início do *Discurso,* havia afirmado:

"Quanto a mim, jamais presumi que meu espírito fosse em nada mais perfeito do que o dos comuns; amiúde desejei mesmo ter o pensamento tão rápido, ou a imaginação tão nítida e distinta, ou a memória tão ampla e tão presente, quanto alguns outros" (12).

"*Pensar, analizar, inventar (me escribió también) no son actos anómalos, son la normal respiración de la inteligencia*" (p. 64).

Pois seu objetivo não é reformar o mundo; ele almeja apenas reformar a si mesmo:

"Nunca meu intento foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos, e construir num terreno que é todo meu. De modo que, se, tendo minha obra me agradado bastante, eu vos mostro aqui o seu modelo, nem por isso quero aconselhar alguém a imitá-lo. Aqueles a quem Deus melhor partilhou suas graças alimentarão talvez desígnios mais elevados; mas temo bastante que este já seja ousado demais para muitos" (13).

Trezentos anos depois, em 1937, é organizado um Congresso Internacional de Filosofia em Paris para homenagear a obra que trazia essas palavras. Tal evento, diz Geneviève Rodis-Lewis, uma das especialistas mais conhecidas em Descartes, "foi marcado por numerosos artigos em todos os jornais, sendo que números especiais eram dedicados a Descartes nas grandes revistas da França e do exterior, de Milão a Buenos Aires, de Haia, mesmo de Berlim, a Bucareste" (14). Num volume comemorativo intitulado *Hommage à Descartes (1637-1937)*, o professor Pierre Mesnard escreve um ensaio em que fala sobre uma "revolução cartesiana", que seria uma "grande vontade de iniciar, de ganhar heróicas batalhas". Numa outra imagem, mostra o filósofo "com os braços carregados de troféus, deitando vitorioso sobre todos os campos de batalha". Então, teria Descartes atingido aquele objetivo de que falávamos acima; teria atingido um método seguro de distinguir o "verdadeiro" do "falso"; teria descoberto um antídoto infalível contra as astúcias dos sábios encantadores que tanto atormentaram certo cavaleiro da Mancha? Se descobriu, não é isso que o professor Mesnard quer destacar em seu ensaio. Ressalta ele:

"A filosofia cartesiana, então, não é unicamente uma filosofia triunfante: é, essencialmente, uma filosofia militante.[...] Todo esse trabalho de invenção, todos esses resultados vantajosos pressupõem um esforço tenaz, perseverante, incessante: atrás das regras do método, atrás do Cogito e da geometria analítica, está esse bom aluno de La Flèche, o estudante de Poitiers, o parceiro de Beeckman..." (15).

O que, assim, parece interessar no ensaio de Mesnard não é o que foi conquistado, mas o modo como o teria sido. O percurso e, arrisco dizer, a elaboração. Por isso

11 Idem, ibidem.

12 Idem, ibidem, p. 42.

13 Idem, ibidem, p. 51.

14 Idem, *Discours de la Méthode*, Edition établie par Geneviève Rodis-Lewis, Paris, Garnier-Flammarion, 1992, p. 8. Tradução minha.

15 "Qu'est-ce qu'une Méditation", in *Pierre Mesnard, Images de l'Homme et de l'Oeuvre*, Paris, J.Vrin, 1970, p. 108. Tradução minha.

Na página ao lado, o escritor argentino Jorge Luis Borges

ele proporá uma insólita viagem:

"Mas se o caráter dessa vida foi capaz de suscitar até mesmo a curiosidade simpática de Barrès, ela nos interessa, enquanto filósofos, de maneira mais particular: nesse ponto preciso e delicado onde a vida encontra o espírito. Que representa seu sistema na própria consciência de Descartes? Como experimentava, como sentia essas idéias das quais temos aqui a evocação e em outra parte a longa lista? Por qual maturação interior elas tomavam forma nele? Por qual atividade espiritual ele lhes dava livre impulso, lhes conduzia ao ponto de maior clareza, como as unia, não por relações abstratas e extrínsecas, mas numa possessão orgânica onde o espírito se revela a si próprio? Eis o que, em verdade, nos interessa mais de perto na tentativa, no esforço cartesiano. Já que é uma audácia, queremos dela o ímpeto real. Já que é uma vida, queremos dela a pulsação secreta. Já que é uma filosofia, o que pedimos é a tomada de consciência, é o próprio impulso iniciador das idéias" (16).

Identificar a maturação interior mediante a qual a idéia tomou forma no espírito de um autor. Atire a primeira pedra o crítico literário que nunca sonhou com esse *Aleph*. Mas o que eu gostaria de ressaltar nesse trecho é, como foi dito acima, a valorização do esforço, da militância, da elaboração. Três séculos depois de sua empreitada, o homem que disse não ter o espírito "em nada mais perfeito do que o dos comuns" tornou-se um paradigma, e suas obras são talvez objeto de *obscenas ediciones de lujo*. Aquele que criticou a "vaidade" do "homem de letras" que se esforça em empregar "espírito e artifício" para tornar verossímeis suas especulações tem valorizado justamente seu esforço. A conquista da verdade, como a pretendia Descartes, parece não ter sido alcançada.

A personagem Pierre Menard também não alcançou o que pretendia, reescrever o *Quijote*, linha por linha, palavra por palavra. Não outro *Quijote*, contemporâneo e atualizado, mas "o" *Quijote*. Talvez seja injusto dizer que não alcançou; afinal, reescreveu dois capítulos e meio. Como o teria conseguido? Em entrevista a Georges Charbonnier, Borges disse que Menard não havia "copiado" esses capítulos; havia-os esquecido e depois reencontrado em si mesmo. A pergunta a ser indefinidamente colocada será: através de que "maturação interior"?

Nessa armadilha não cairei. Não tentarei descobrir o que acontece no espírito de Pierre Menard, nem de que maneira René Descartes fez seu percurso interior. Invoco, como escudo, a descoberta do insondável inconsciente pelo médico austríaco. Contento-me em tentar mostrar como, a meu ver, existem pontos em comum entre o projeto "invisível" de Pierre Menard e a empreitada cartesiana. Ambos sabem-se sobre-humanos. Ambos sabem que dependem da eternidade para realizar-se. Ao comentário de Menard, "*Mi empresa no es difícil, esencialmente. Me bastaría ser inmortal para llevarla a cabo*" (p. 57), corresponde uma avaliação de Descartes sobre o próprio projeto, "*Uma tarefa interminável, além do alcance de uma só pessoa*" (17). O projeto é irrealizável, mas eles tentam empreendê-lo. E a posteridade se apropria dessa empresa impossível. Pode ser que quem venha depois encare as coisas de outra forma, e tente extrair algum resultado pragmático. Será que Pierre Menard não teria, involuntariamente, enriquecido a arte da leitura mediante uma técnica nova? Organizam-se congressos e debates; artigos são publicados em jornais; teses são defendidas. A vida, em geral mais propícia aos narradores do Pierre Menard do que ao próprio, segue seu curso.

Há, ainda, outra questão no conto que não pode ser ignorada. Essa oposição utopia/pragmatismo não está apenas entre personagem e narrador, mas também na própria personagem. Não esqueçamos que o utópico Pierre Menard é autor daquele admirável ciclo de sonetos para a baronesa de Bacourt, entre outras coisas. Em que momento ele despia-se de sua vestimenta social e mergulhava nos rascunhos do *Quijote*? O turco é maligno e usa turbante;

16 Idem, ibidem, p. 110.

17 John Cottingham, *Dicionário Descartes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 11. Tal avaliação teria sido feita por Descartes em carta de 26 de março de 1619. A edição das *Oeuvres Philosophiques* por Ferdinand de Alquié, Paris, Garnier, 1963, t. I, traz uma versão em francês: *L'oeuvre, il est vrai, est infinie, et ne peut être accomplie par un seul* (p. 19).

18 "Los Teólogos", in *El Aleph*, Buenos Aires, Emecé, 1969, pp. 41-53.

a ninfa do rio é dolorosa e úmida. Assim como a conjunção de um adjetivo moral e outro físico pode ser eficaz, uma aspiração sublime e um cotidiano torpe podem coexistir.

Ou quem sabe, também, um cotidiano sublime e uma aspiração torpe? Porque, nesse texto de Borges, todas as inversões e contradições são possíveis. Nossa imagem no espelho traz nada mais que nossos traços, mas num reflexo invertido. Uma *broma mal escuchada* transforma em algo sério o que de início era apenas troça. Se lembramos da famosa comparação que o narrador do conto faz da frase "*La verdad, cuya madre es la historia*"... (p. 62), vemos que o que ele ressalta haver mudado da escritura de Cervantes para a reescritura de Menard é que, enquanto na primeira trata-se de "*mero* elogio retórico da história", na segunda a idéia é "*asombrosa*". O que, a meu ver, está sendo destacado na comparação não é a transformação intrínseca da idéia, mas a inversão no modo de percebê-la; o que seria sem importância para Cervantes tornou-se, para o narrador do conto, objeto de assombro.

• • •

A expressão "reflexo invertido" foi extraída de um conto de Borges. Trata-se de "Los Teólogos", incluído em *El Aleph*, que relata o "duelo invisível" entre dois eruditos medievais, Aureliano e Juan de Panonia. A escrita do primeiro, laboriosamente trivial, trazia vastos e quase inextricáveis períodos. A do segundo era límpida e universal. Os dois combateram a seita herege dos *histriones* que acreditavam que "*nuestros actos proyectan un reflejo invertido, de suerte que si velamos, el otro duerme, si fornicamos, el outro es casto, si robamos, el otro es generoso. Muertos, nos uniremos a él*" (18).

Aureliano sobreviveu a Juan de Panonia. Este, acusado de compactuar com os *histriones*, foi condenado à fogueira. No céu, anos mais tarde, Aureliano percebeu que, na mente de Deus, os dois eram uma só pessoa.